



# Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



**Volume XIV, n. 10, set. 2020**  
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

## **EIXO 10 - ENSINO SUPERIOR**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.10.07>

Recebido em: **30/08/2020**

Aprovado em: **07/09/2020**

MATERNAGEM E EDUCAÇÃO SUPERIOR: DESAFIOS, ESTRATÉGIAS E DEMANDAS;  
MOTHERHOOD AND HIGHER EDUCATION: CHALLENGES, STRATEGIES AND  
DEMANDS; MATERNIDAD Y EDUCACIÓN SUPERIOR: DESAFÍOS, ESTRATEGIAS Y  
DEMANDAS

DANUZA SANTANA DOS SANTOS CHAVES

<https://orcid.org/0000-0002-9869-9686>

LARISSA DOS SANTOS TRINDADE

<https://orcid.org/0000-0002-9378-5024>

LYS MARIA VINHAES DANTAS

<https://orcid.org/0000-0001-8225-2321>

## **RESUMO:**

Hoje, no Brasil, as mulheres são a maioria entre os universitários, porém, a divisão sexual do trabalho, a qual atribui culturalmente como obrigações da mulher as atividades domésticas e a maternagem, reflete em seu desempenho acadêmico e sua permanência na Universidade. Por esta razão, desenvolveu-se uma pesquisa no Centro de Artes, Humanidades e Letras, CAHL-UFRB com mães estudantes, que tinham filhos menores de 6 anos, buscando identificar seus desafios e estratégias para permanecer na universidade, bem como discutir o alcance das políticas de assistência estudantil voltadas para as mães estudantes. Diante disto, os resultados revelaram que políticas de assistência meramente econômicas são insuficientes para atender as demandas dessas mães universitárias. Assim, surge a proposta de criar uma sala de acolhimento no CAHL, para que as mães possam estudar enquanto têm seus filhos por perto.

## **ABSTRACT:**

Currently in Brazil, women are the majority among university students. However, the sexual division of labor, which culturally attributes domestic activities and mothering to women, reflects on their academic performance and their permanence at the University. For this reason, a research was carried out at the Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL-UFRB) with students that are mothers, who had children under 6 years old, seeking to identify the challenges faced by them to remain and succeed in university and the strategies they used, as well as to discuss the efficiency of student assistance policies aimed at them. The results revealed that the economic assistance policies are insufficient to meet the demands of these university mothers. Thus, the proposal arises to create a reception room at CAHL, so that mothers can study while having their children close by.

## **RESUMEN:**

Actualmente en Brasil, las mujeres son la mayoría entre los estudiantes universitarios, sin embargo, la división sexual del trabajo, que culturalmente atribuye las actividades domésticas y la maternidad como obligaciones de las mujeres, se refleja en su rendimiento académico y su permanencia en la Universidad. Por esta razón, se realizó una investigación en el Centro de Artes, Humanidades y Letras, CAHL-UFRB con madres estudiantes, que tenían niños menores de 6 años, para identificar los desafíos que enfrentan para permanecer y tener éxito en la universidad, así como discutir el alcance y la eficiencia de las políticas de asistencia estudiantil dirigidas a las madres estudiantes. En vista de esto, los resultados revelaron que las políticas económicas afirmativas son insuficientes para satisfacer las demandas de estas madres universitarias. Por lo tanto, surge la propuesta de crear una sala de recepción en CAHL, para que las madres puedan estudiar mientras tienen a sus hijos cerca.

## **Introdução**

Em 2020, o cenário educacional brasileiro é diferente do de décadas atrás, quando a escassa oferta de educação formal não se destinava às mulheres. O que ocorre hoje é que as mulheres são a maioria nas escolas, nos cursos de qualificação e nas universidades, segundo os dados do Plano Nacional de Qualificação do Ministério do Trabalho e Previdência Social – MTPS (BRASIL, 2016, p.1). Desta maneira, o acesso ao ensino superior deixou de ser um problema para as mulheres. Por certo, ainda há muitos outros desafios, uma vez que elas desempenham múltiplas funções, que lhes são atribuídas culturalmente como obrigação e de exclusiva competência feminina, como as atividades domésticas e a maternagem.

Sendo assim, o cotidiano de muitas mulheres ao ingressar no ensino superior é desafiador e as múltiplas funções exercidas trazem implicações ao seu desempenho acadêmico. Haja vista que o ingresso no ensino superior, bem como no mercado de trabalho, não as desobriga das funções domésticas e do cuidado com os filhos. E, deste modo, a universidade passa a disputar o tempo e a dedicação dessa mulher com as outras atividades por ela desempenhadas. Por esta razão, não é suficiente abrir as portas das universidades para as mulheres sem assegurar oportunidade de igualdade para aquelas que são ou serão mães durante o período universitário. A realidade dessas universitárias apresenta suas especificidades, as quais devem ser consideradas pelas instituições de ensino ao planejar, executar e avaliar as políticas públicas educacionais e assistenciais voltadas para elas.

No contexto de expansão da educação superior, o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) é criado em 2010 com o objetivo de viabilizar a igualdade de oportunidades entre todos os estudantes e oferecer assistência à moradia estudantil, alimentação, transporte, à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche e apoio pedagógico. No que se refere ao ingresso e principalmente, à permanência da mulher na universidade, as políticas assistenciais dispõem de: licença maternidade; direito à realização de atividades domiciliares em decorrência da gravidez e auxílio creche. Contudo, nem sempre as políticas propostas no nível macro dão conta de atender a realidade quando observadas as questões apresentadas por mães (e pais) de filhos pequenos em múltiplas situações de ensino (e pesquisa e extensão) por vezes em cursos noturnos, ou com demandas de estágios longos, mudanças de residência para as cidades onde ficam os campi, dentre tantas outras questões que afetam diretamente a maternagem. Compreender uma política de assistência estudantil significa entender o nível micro.

Neste sentido, este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que buscou discutir a efetividade e o alcance da assistência estudantil e das políticas de ações afirmativas voltadas para as mães universitárias, em especial o auxílio creche, assim como identificar os desafios e as estratégias usadas por essas estudantes. Para a investigação, foram convidadas oito graduandas dos cursos de Gestão Pública, Jornalismo e Serviço Social do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) com filhos menores de seis anos, as quais participaram de um grupo focal e posteriormente da gravação de um vídeo documentário. A partir da roda de conversa foram criadas sete dimensões de análise: Rede de apoio; Estratégias; Desafios; Percepção sobre as políticas assistenciais existentes; Motivação para permanecer; Saúde e Sobrecarga e; Propostas.

Para uma melhor compreensão do tema, o artigo segue estruturado em três seções: a primeira trata sobre a maternagem no ensino superior e as políticas de assistência estudantil da UFRB para mães estudantes, a seguinte apresenta a pesquisa realizada com mães estudantes no CAHL e, por fim, as considerações finais, com contribuições para as políticas analisadas.

## **Maternagem no Ensino Superior**

Ao analisar o perfil da mulher universitária deve-se levar em consideração alguns aspectos. Dados do Censo afirmam, por exemplo, que 8,81% das mulheres cursando o ensino superior, com idade entre 19 e 29 anos, têm filhos na faixa etária de 0 a 4 anos. Significa dizer, portanto, que quase 10% das mulheres universitárias brasileiras nesta faixa são mães de crianças pequenas. (IBGE 2000 apud URPIA e SAMPAIO, 2009, p. 148).

Desta forma, um grande número de mulheres chega no ensino superior já com filhos e muitas têm o seu ingresso tardio justamente por conta da maternidade. Além disso, segundo as pesquisas, essas mães estudantes sempre vão dedicar mais tempo e recursos para o cuidado de terceiros, sejam estes seus filhos, pessoas com necessidades especiais e/ou idosos, e para os trabalhos domésticos, como arrumar casa, lavar roupa, fazer compras e refeições (IBGE, 2018).

Vale ressaltar também que, a maternagem[i] é atribuída socialmente às mulheres, enquanto para os homens, no desempenho do seu papel de pai, cabem historicamente as funções de sustento econômico e auxílio na criação dos filhos. Segundo Nunes e Silva (2020, p. 51) isso pode ser exemplificado com as diferenças de dias entre as licença maternidade e licença paternidade nas relações empregatícias, sendo a primeira de quatro meses, e a segunda de cinco dias no geral. Esta atitude reforça o estigma que o cuidado com o recém-nascido é de exclusividade da mãe, sem levar em consideração que esta mulher, ao se tornar mãe, também requer cuidados.

É possível observar que a cobrança feita aos homens no exercício da paternidade é mínima e, cada vez mais, segundo a Secretaria de Políticas para as Mulheres (BRASIL, 2015), a mulher vive com os filhos, sem marido ou companheiro. Em conformidade, o IBGE (2010) aponta que 37,3% das famílias são chefiadas por mulheres e no Nordeste esse número sobe para 39,3%. Sendo assim além das atribuições impostas culturalmente ao gênero feminino, elas também cumprem as ditas “atribuições do gênero masculino”.

Diante disto, muitas mulheres optam por desacelerar a vida acadêmica, submetendo-se a frequentes interrupções, sem conseguir atingir o desempenho desejado, ou têm pouca/nenhuma participação em pesquisa e extensão, uma vez que não é fácil atender às demandas do contexto acadêmico, conciliando-as com as múltiplas tarefas por ela exercida. Interessantemente, os currículos e os modos de fazer da educação superior são tais que pressupõem que a mãe, na universidade, “esqueça” os filhos em casa para concentrar-se nos estudos, como se fora possível separar uma pessoa em mãe (casa) e estudante (universidade). Os tempos de conclusão de curso, os prazos (incluindo os de jubileamento) e outras tantas políticas institucionais não consideram as especificidades das mães (e pais) estudantes.

Assim, ainda que as mulheres ocupem vários espaços que antes lhes foram negados, a desigualdade persiste. Ao citar as análises dos altos índices de participação da mulher em todos os níveis da educação do Brasil, pressupõe-se que os problemas de acesso à educação já teriam sido solucionados. Todavia, são necessárias, além da garantia do ingresso, políticas públicas que lhes permitam permanecer no ambiente acadêmico e concluir seus estudos, estimulando o espírito científico, o pensamento reflexivo, habilidades necessárias para a inserção no mercado de trabalho e formação continuada para o desenvolvimento profissional.

Sendo assim, o Estado precisou elaborar e implementar políticas públicas de assistência estudantil com o intuito de prover os mecanismos necessários para o desenvolvimento destes durante o processo da graduação, em especial no novo cenário de reestruturação e expansão da educação superior. Deste modo, a criação do PNAES (Programa Nacional de Assistência Estudantil) em 2010 regulamenta ações socioassistenciais nas IFES, com a finalidade de democratizar as condições de permanência, minimizar as implicações das desigualdades na permanência e conclusão da educação superior, reduzir as taxas de retenção e evasão, assim como fomentar uma educação inclusiva. (BRASIL, 2010)

Com estes objetivos, o PNAES se volta para o apoio em diferentes áreas, tais quais: transporte.

moradia estudantil, atenção à saúde, cultura, alimentação, inclusão digital, esporte, apoio pedagógico, acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência e creche, este último dirigido para filhos de mães/pais universitários.

No que se refere ao auxílio creche, ele é um benefício financeiro mensal concedido aos estudantes, que na sua maioria são mulheres, em vulnerabilidade econômica, que tenham filhos em idade da educação infantil, entre 0 a 6 anos incompletos, nas despesas com creche e ou prestação de serviços similares, com o intuito de estimular sua permanência na Universidade.

Na UFRB, a concessão do auxílio creche abrange pais com filhos com idade entre (0-3) zero a três anos, e que estejam matriculados em creche ou Núcleo de Recreação Infantil, devendo-se comprovar a matrícula e a despesa mensal com a criança em instituição regular. O valor do repasse para o ano de 2019 foi de R\$ 190,00 (cento e noventa reais), valor este considerado a média da oferta desses serviços nas cidades do Recôncavo baiano. [ii]

Além deste auxílio, a Lei 6202/75 dispõe que as mães estudantes que estejam grávidas também possuem o direito ao regime de exercícios domiciliares a partir do oitavo mês de gestação e durante três meses, podendo esse período ser aumentado desde que comprovada a necessidade.

Assim, as ações socioassistenciais admitem a importância da maternidade como um direito social que busca propiciar a igualdade de oportunidades no ensino superior, dentre eles o direito da mãe/pai estudante de ingressar, permanecer e concluir com desempenho a educação superior.

Todavia, no locus da execução, no nível micro, essas ações socioassistenciais nem sempre conseguem atender todas as necessidades das mães estudantes, apresentando “gaps” que se constituem verdadeiros obstáculos para o sucesso acadêmico, a permanência e a conclusão da graduação, bem como para a plena participação em todas as atividades acadêmicas (ensino, pesquisa e extensão).

Pressupõe-se que parte desses “gaps” se dá pelo fato da falta de produção de dados relacionados à categoria “mãe” no ensino superior. Geralmente as instituições sabem quantas mulheres há, em quais cursos elas ingressaram. Contudo, não se sabe quantas dessas mulheres são mães, quantos filhos elas têm, a idades dos filhos, se são mães solo. A falta desses dados acaba tornando este segmento invisível para a formulação das políticas públicas.

Deste modo, o capítulo seguinte apresenta os resultados da pesquisa com a percepção das mães estudantes sobre as políticas de ações afirmativas e suas experiências como mãe e acadêmica.

## **Maternagem e educação superior: desafios, estratégias e demandas**

### *A pesquisa*

Para a concretização da pesquisa em relato, que teria como resultado final um documentário, inicialmente foi realizada consulta à Superintendência de Regulação e Registros Acadêmicos (SURRAC) e a Pró Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE) da UFRB, sobre dados referentes a mulheres estudantes com filhos e sobre a concessão do auxílio creche, respectivamente.

Na página institucional da SURRAC não foram encontrados dados que pudessem corroborar com a pesquisa. Desta forma, foi realizado contato telefônico com a SURRAC para solicitação dos dados e posterior formalização através de e-mail, quando recebemos informação de que não havia dados referentes à maternidade e sim à coleta de dados referentes a gênero na Universidade. Em consulta prévia informal realizada a outras universidades na Bahia, o cenário havia sido semelhante, o que apontava para a invisibilidade do fenômeno da maternagem na universidade.

Para a UFRB (e outras universidades), as mães-estudantes tornam-se visíveis apenas se e quando respondem aos editais de auxílios. Se a Universidade desconhece esse segmento estudantil (e ele não se organiza para pressioná-la), as políticas oferecidas são aquelas já padronizadas, comuns a todas, sem consideração pelas especificidades locais.

Os dados tornam-se conhecidos quando os auxílios são concedidos. Assim, encontram-se publicadas na página institucional da PROPAAE as informações sobre o auxílio creche, na aba Transparência PROPAAE, nas Relações de pagamentos aos bolsistas por ano e por tipo de auxílio. As informações são nominais e constam os valores pagos.

Diante da ausência de informações institucionais, para levantar as experiências de ser e/ou tornar-se mãe no processo de formação do ensino superior, conciliando a maternidade e a vida acadêmica, e discutir/refletir sobre políticas de assistência estudantil para este recorte da população discente e sobre a permanência na UFRB, foi publicado um convite para uma entrevista, em maio de 2018, na rede social virtual Facebook, no grupo fechado do CAHL-UFRB, para mães e pais com filhos até 6 anos. A publicação obteve resposta imediata. Quatorze (14) mulheres voluntariaram-se, dez (10) mulheres foram indicadas por outras mulheres, sete (07) mulheres foram indicadas por homens e apenas um (01) homem voluntariou-se.

Ainda utilizando as redes sociais virtuais, mas desta vez o Messenger, foi realizado contato individual com cada estudante voluntariada ou indicada. Nesse contato inicial, era explicada a proposta do trabalho e realizada uma triagem dos critérios necessários para a participação. Foram selecionados apenas estudantes do CAHL, com a graduação em curso e com filhos até 6 anos. Em continuidade a essa etapa foi agendado um primeiro contato pessoal entre a pesquisadora e as treze (13) possíveis participantes do documentário.

Durante o período de 17 a 22 de maio, foi realizada a pré-entrevista. Foi possível coletar novas informações e aprofundar informações já coletadas anteriormente. Esta etapa foi utilizada como um momento de escuta, quando estudantes mães compartilharam histórias reais de dificuldade, desistência e superação nesse processo de conciliação da maternidade e vida acadêmica.

Dessas escutas surgiu a necessidade de um contato coletivo dessas mulheres. Marcou-se, então, uma roda de conversa realizada em 06 de junho de 2018. Para este encontro foi desenvolvida uma identidade a partir de desenhos aleatórios livres de direitos autorais, retirados da internet. A roda de conversa contou com a participação de oito (08) estudantes mães e um (01) menor, filho de uma da participante. Duas (02) estudantes foram convidadas para apoio logístico em uma sala do CAHL previamente reservada. Esta etapa foi gravada por dois alunos do Curso de Cinema do CAHL-UFRB. Todos os procedimentos éticos foram conduzidos, com assinatura do termo de consentimento informado e do direito de imagem e áudio.

Com duração média de duas (02) horas, a roda de conversa iniciou-se com a apresentação de cada mulher falando sobre o seu curso, dos seus filhos, das dificuldades encontradas e quais estratégias eram utilizadas para que ela estudasse. Em seguida, foram discutidas as demandas e feita uma reflexão sobre as políticas de assistência estudantil na Universidade.

Posteriormente, os áudios foram transcritos e os vídeos analisados e categorizados, segundo Bardin (2010), em sete dimensões: Rede de apoio; Estratégias; Desafios; Percepção sobre as políticas assistenciais existentes; Motivação para permanecer; Saúde e Sobrecarga e; Propostas. Neste trabalho, apresentamos os resultados desta categorização.

### *Quem são as mães estudantes nessa pesquisa?*

As mulheres que contribuíram para uma das fases da pesquisa ora em relato são oito e, neste texto, estão apresentadas com nomes de flores:

- Amarilis tem dois filhos, estudante de Gestão Pública (noturno), semestralizada, é casada, e é empregada no momento da pesquisa.
- Verbena tem quatro filhos, é estudante de Serviço Social, está dessemestralizada, é casada e empregada no momento da pesquisa.
- Azaleia tem duas filhas, é estudante de Gestão Pública (noturno), está dessemestralizada, é casada e está desempregada no momento da pesquisa.
- Begônia tem dois filhos, é caloura de Serviço Social, mãe solo e está desempregada no momento da pesquisa.
- Calêndula tem dois filhos, é estudante dessemestralizada de Jornalismo, é mãe solo e está empregada no momento da pesquisa.
- Camélia tem um filho, é estudante de Gestão Pública, semestralizada, é casada e está desempregada no momento da pesquisa.
- Cravina tem um filho, é estudante de Gestão Pública (noturno), semestralizada, mãe solo e está desempregada no momento da pesquisa.
- Margarida tem um filho, é estudante de Gestão Pública (noturno), semestralizada, casada e está desempregada no momento da pesquisa.

No conjunto, estas estudantes estavam entre o primeiro e o quinto semestre em seus cursos, cinco estudavam no turno noturno, quatro estavam dessemestrizadas e uma era caloura, três estavam empregadas, tinham entre um e quatro filhos, e três eram mães-solo.

Nenhuma das mães estudantes que participou da roda de conversa era beneficiária do auxílio creche e elas entendiam que esse auxílio não era eficiente para as questões por elas enfrentadas.

De maneira sucinta, neste artigo apresentamos os principais achados em cada uma das categorias de análise utilizadas.

### *Rede de apoio*

Um dos elementos que conduzem à permanência na vida universitária é a formação de uma “rede de apoio” entre colegas, por exemplo, que compartilhe livros, instruções sobre aulas quando o estudante falta, reforce os dias nos quais haverá avaliação. As redes de apoio são muito importantes também quando observadas as minorias na universidade, a exemplo de indígenas, quilombolas, dentre outros, por um reforço aos aspectos concernentes à permanência simbólica (SANTOS, 2019).

Interessantemente, a pesquisa revelou que o apoio de suas mães (avós maternas das crianças) é prevalente para que as mães-estudantes consigam cumprir suas tarefas acadêmicas. Esse dado aparece 16 vezes nas falas das participantes, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

Tenho, digamos, uma ajuda, vamos supor de 70 a 60% de minha mãe que fica com minha filha pra eu poder trabalhar e estudar(...). Calêndula

(...) porque minha mãe que olhava minha mais velha, minha mãe não pode olhar ela porque trabalhou a noite então não tive ninguém pra olhar. Azaleia

Eu conto com o apoio hoje de minha mãe. Cravina

Vale lembrar que na UFRB, 82% dos alunos tem renda familiar mensal de até 1 salário mínimo e meio, segundo pesquisa realizada pela Universidade e publicada em 2017 (UFRB, 2017). Neste contexto, fica mais difícil a terceirização do cuidado, como é opção para as classes mais abastadas.

Além disso, as redes municipais de ensino tendem a priorizar a pré-escola e em muitos municípios não há oferta de creches públicas. Assim, contar com o apoio familiar no cuidado com os filhos é crucial.

Tô juntando os documentos pra o auxílio creche, só que lá em São Felix tem que entrar em uma lista de espera, então no caso eu entrei e só vou conseguir ano que vem. Azaleia

Ainda sobre a rede de apoio, os colegas são o segundo suporte mais apontado por elas, em seguida os maridos e apenas uma mãe tem o apoio da sogra (avó paterna da criança), sendo que esta última mora distante da sua mãe.

Como discutido anteriormente, mesmo diante dos debates sobre a divisão sexual do trabalho, os cuidados com os filhos ainda é visto como uma obrigação exclusiva da mulher. Na pesquisa observa-se, por exemplo, a participação dos pais como um auxílio e apesar da maternidade ser biologicamente da mulher, a maternagem não tem gênero. A análise aponta que até os colegas de curso oferecem um suporte maior as mães estudantes do que os seus maridos, uma vez que os colegas surgem 10 vezes na fala, enquanto os maridos apenas 6.

### *Desafios*

Ferreira et al (2019), em estudo quantitativo sobre o perfil de jovens universitários e as suas percepções face à maternidade e paternidade, declaram:

O presente trabalho apresentou um resultado interessante em relação à época mais difícil para o jovem ter filhos, variável em relação à qual a maioria respondeu que é durante os estudos universitários. Tal, poderia fazer pensar que, apesar de desejarem ser mães ou pais, estes não se sentem apoiados, não apenas a nível pessoal, mas principalmente por meio de instituições públicas, o que dificulta a combinação de ambas as atividades pelos jovens. (FERREIRA et al, 2019, p.6)

No CAHL, a roda de conversa foi rica em termos do detalhamento dos desafios, dentre os quais: cumprir os prazos dos trabalhos acadêmicos, atingir a carga horária das atividades curriculares complementares (ACC) exigidas pelo curso e conseguir participar de atividades como seminários, grupo de pesquisa e projetos de extensão. Fica evidente que participar de atividades para além do tempo exigido para as aulas é ainda mais difícil. Desta forma, as mães estudantes acabam não vivenciando de forma plena a experiência universitária. Uma das nossas hipóteses diz respeito às prioridades do uso do tempo: participar das aulas é prioritário, visto que a frequência é elemento para aprovação nas disciplinas, mas participação em outras atividades, que asseguram a experiência plena da vida universitária, não. Neste sentido, nossos achados vão ao encontro do que foi pesquisado por Menezes et al:

Também ficou claro, após a análise das entrevistas, que a falta de tempo disponível é considerada um inimigo ao convívio mãe e filho e que a qualidade do tempo que passam juntos funciona como um diferencial que alivia a angústia da distância. As mudanças ocorridas na dinâmica social, que refletiram em transformações no papel das mulheres, as impuseram um número maior de tarefas a cumprir num mesmo tempo, que se torna escasso em seu dia a dia e acaba exigindo sacrifícios que podem gerar inúmeros conflitos (Melo et al., 2007; Correia, 1998; Tourinho, 2006). A participação

na vida dos filhos, no trabalho e na vida acadêmica demanda uma reorganização constante do tempo para a conciliação de todas as suas atividades (Tourinho, 2006; Lima, 2007; Costa, 2008; Sant'Anna, 2006). (MENEZES et al, 2012, p. 16)

Os desafios enfrentados pelas mães-estudantes no CAHL, que não são diferentes de outras mães-universitárias, dizem respeito ao uso do tempo, a ter que fazer escolhas e a negociar com os colegas que nem sempre entendem a condição da maternagem, como pode ser visto nos depoimentos a seguir.

Os colegas não entendem quando você atrasa um trabalho, atrasa seminário que tem que ser entregue, que você tem que apresentar tal dia. (Begônia)

Esse desafio é bem problemático. O povo fala: vai ter palestra em tal lugar, mas a palestrante de Isabel sou eu. Então, eu não posso. Ah... Calêndula, seminário. Se eu tenho 5 seminários eu tenho muito(...). (Calêndula)

Então, tenho que fazer o que dá, a disciplina que dá. Tá dando ali, naquele momento. (Azaleia)

Todavia, os problemas mais relatados foram os financeiros e conseguir estudar em casa, pois, como já analisado anteriormente, as atividades acadêmicas passam a disputar o tempo e a dedicação dessa mulher com as outras funções por ela desempenhadas.

E consegui estudar em casa mesmo é surreal, porque eu trabalho de manhã e de tarde, e quando eu chego, no dia que eu não vou, não venho pra Universidade, eu tenho ela (...). (Verbena)

E assim, enquanto os meninos não dormiam, eu levantei 15 vezes, eu contei, eu levantei 15 vezes. Eu sentava, escrevendo na frente do computador. E aí: “Mãe, eu quero comida”, eu levantei e dei a comida. E, nisso, eu levantei, foram 15 vezes. (Amarilis)

Uma outra questão apontada pelas mães estudantes são os episódios em que os filhos adoecem, como elas são as únicas responsáveis pela maternagem, muitas vezes precisam faltar a aula, atrasar entrega de trabalhos e chegam até ser reprovadas por isso.

Eu fui por uma professora porque meu filho teve um primeiro sangramento no nariz(...) Calêndula

A gente falta. Se o menino tá doente, a gente falta. A nossa prioridade sempre vai ser os nossos filhos. Se o menino dá dor de barriga, a gente não vem. Amarilis

Essa questão do adoecimento dos filhos com obstáculo para a “fluidez” nos trabalhos acadêmicos foi observada na pesquisa de Bitencourt (2019):

Conforme a entrevistada Rosa, podemos verificar como ela sente-se dividida entre o curso de graduação e a filha, contudo, a sua fala afirma que a prioridade é a filha. Durante a entrevista, ela comenta que a filha fica doente por não ter mamado o suficiente. Evidência que afirma a sua responsabilidade com a saúde da filha. Finaliza apresenta a ideia da interdependência emocional entre ela e a filha. (BITENCOURT, 2019, p. 269)

### *Estratégias*

A estratégia mais apontada pelas mães foi o trancamento de semestre e/ou disciplinas, o que se torna uma problemática, por causa da dessemestralização e também porque o trancamento parcial de disciplinas compromete o Índice de Rendimento Acadêmico (IRA) e, conseqüentemente, a prioridade no processo de matrícula, quando existem mais interessados em um disciplina do que as vagas ofertadas, bem como a disputa por bolsas que considerem o IRA.

(...) mas eu tranquei 2 quando ela nasceu, ele também trancou 2 e aí agora a gente voltou. (Verbena)

(...) sou dessemestralizada também... eu tranquei o ano todo que estava com ela, eu tranquei(...) (Azaleia)

Uma das mães também cita a utilização da rede social dentro da sala de aula para manter o contato com os filhos, que ficaram em casa. Isso corrobora a ideia de que o status de estudante não anula o de mãe, a mulher não deixa de ser mãe enquanto é estudante.

Uma coisa também que é um aliado é o whatsApp. (Amarilis)

Outra estratégia bastante utilizada por essas mães estudantes é aproveitar o sono dos filhos para estudar, muitas vezes durante a madrugada, sendo que no dia seguinte sua rotina está mantida e elas precisam acordar cedo para desempenhar outras funções. O fato é que essa estratégia sobrecarrega as mães que se privam do sono e descanso como alternativa para atender uma necessidade acadêmica, gerando mais cansaço físico e sobrecarga. Com isso, ao longo do dia essas mães universitárias acabam cochilando no meio de outras atividades.

É usar o tempo livre, é o cochilo do filho, saber otimizar seu tempo. Filho cochilou, é pegar uma apostila rápido e começar a ler(...) Begônia

### *Percepção sobre as políticas assistências existentes*

Sobre a percepção acerca das políticas estudantis existentes, as mães estudantes reiteram em todas as suas falas que elas têm o direito de permanecer na universidade, e que essas instituições precisam enxergar as suas demandas, suas especificidades. Além disso, a roda de conversa expressou o desejo de criar cada vez mais espaços de discussão sobre a questão da maternagem e a educação superior. Isto mostra o movimento desses atores políticos em dar visibilidade ao grupo e contribuir de modo que a permanência de mães/pais estudantes seja inserida na agenda das políticas públicas.

Eu acho que o Estado tem obrigação de garantir a permanência da mulher dentro da universidade, a gente já foi calada tantos anos durante a história. (Azaleia)

Então é isso que eu penso: esse assunto precisa ser bastante discutido, bem mais discutido, né? Na verdade, para que, dessa forma, a universidade possa conseguir meios pra suprir nossas demandas. (Margarida)

No que diz respeito às atividades domiciliares para a estudante que está em gestação ou com filhos recém-nascidos, são citadas tanto de maneiras positivas quanto negativas. Algumas estudantes relatam ter obtido suporte dos professores e até uma flexibilidade acerca de prazos, enquanto outra mãe estudante diz que, apesar de ter dado entrada no processo, nunca recebeu sequer um e-mail com uma resposta.

Mas acho que Jesus Cristo não tava no negócio porque nunca chegou email, nunca chegou atividade, nunca chegou nada. Minhas amigas que ficavam levando, mandando pra mim(...). (Calêndula)

Por outro lado, a fala que mais se destaca nesta categoria é de uma mãe que não conseguiu fazer as atividades, pois teve que cortar gastos, dentre eles a internet.

As atividades chegaram, os professores foram super compreensíveis, só que eu não consegui fazer nenhuma. Tava numa fase muito, bastante difícil. Só minha mãe trabalhando em casa, desempregada, meu esposo desempregado. Aí optei em “bô cortar gasto.” A internet (...). (Azaleia)

As mães-estudantes também apontam algumas limitações do auxílio creche, a discussão aqui é que há um grupo de mulheres que, embora não estejam em vulnerabilidade econômica ou não cumpram as exigências para serem atendidas pelo auxílio, necessitam de cuidados e da assistência estudantil. É o caso, por exemplo, de mães e pais com filhos maiores de 3 anos, que estão fora da faixa apoiada. Ou de mães que estão empregadas, mas, por serem mães solas e/ou chefias de família, não tem recursos financeiros suficientes para pagar uma creche. Além do mais, no Recôncavo não existem muitas creches particulares e o valor do auxílio é abaixo das mensalidades.

Até 3 anos, mas, e as mulheres que têm filhos maiores de 3 anos? (Amarilis)

(...) a mulher que trabalha, como eu mesmo, não participo de muitas coisas, porque eu trabalho, então aquilo ali pra mim já não serviria, entende? (Calêndula)

### *Motivação para permanecer*

Apesar dos inúmeros desafios, o que chega a ser relatado como uma luta diária, essas estudantes buscam não desistir de estudar e pretendem concluir suas graduações, apresentando diferentes motivações para isso. O motivo que mais se destaca é o desejo de melhorar a qualidade de vida dos filhos.

(...) eu continuei na universidade porque achava que, ainda acho, que eu tenho por obrigação de dar um futuro digno aos meus filhos. (Calêndula)

(...) ter a chance de ter o quê uma estrutura pra você ter um emprego, pra que você possa sair da baixa renda. (Cravina)

Este resultado foi encontrado em outras pesquisas, a exemplo dos achados de Bitencourt (2019, p.10):

Por outro lado, nas Ciências Sociais as estudantes mães buscam no curso de graduação uma estratégia de melhorar suas condições socioeconômicas, muito embora já sustentem integral ou parcialmente a família. Nos relatos das estudantes deste curso, constatamos que elas veem na graduação uma oportunidade de inserirem-se no mercado de trabalho como profissionais

Além disso, uma mãe aponta que não pretende desistir do curso por ser uma realização pessoal e também uma maneira de incentivar os filhos a ingressar no ensino superior.

Mas, assim, é um curso que é uma realização pessoal. Então, eu me sinto também no direito. (Verbena)

Mostrar pra ela, agora mesmo, desde pequenininha que aqui é por onde ela tem que caminhar, sabe? Que é por onde ela pode ter uma vida melhor, e assim, aproveitar o que tem de melhor disso aqui. (Verbena)

Esta característica foi observada em um outro grupo cuja permanência havia sido pesquisada na CAHL: o de alunos mais velhos. Em uma pesquisa realizada em 2017 por Dantas, Muniz e Silveira, o depoimento mais frequente dos alunos pesquisados era do retorno e da permanência na Educação Superior por realização pessoal, de um “sonho”.

### *Saúde e Sobrecarga*

Como já mencionado, apesar do apoio das mães (avós maternas) ser fundamental para que estas mulheres estejam estudando, o sentimento de culpa das estudantes em sobrecarregar suas mães está atrelado a ele, principalmente porque a maioria são idosas com problemas de saúde.

Como discutido na dimensão Estratégias, muitas mães utilizam o período da madrugada para estudar, o que produz um cansaço físico, principalmente, quando associado à sobrecarga por cumprir com as múltiplas tarefas de mães, estudantes, esposas, trabalhadoras.

Então, é complicado pra mim também. Minha mãe não faz as coisas pesadas. Eu que faço a feira, que carrego peso, que pago as contas. Sou eu que tenho as responsabilidades(...) (Cravina)

Então, hoje eu falo que quando eu faço feira, eu vou cinquenta vezes, e às vezes eu não tenho nem disposição de ir pra feira, mas eu tenho que ir pra feira. (Calêndula)

Vale destacar que as participantes reconheceram o cansaço físico que têm vivenciado em conciliar a maternidade com a vida acadêmica, mas, em momento algum falaram sobre cansaço psicológico e/ou emocional. Porém, durante a roda de conversa, todas choraram e se emocionaram com suas falas e as falas das outras mulheres, inclusive as que tinham apoio da família e amigos.

A saúde de seus familiares e, principalmente, de seus filhos vem sempre em primeiro lugar.

### *Propostas*

Diante do exposto, foi aberto um espaço para que essas estudantes pudessem propor políticas que de

fato atendessem sua realidade. A criação de uma sala de acolhimento, com espaço recreativo dentro do centro (CAHL) foi registrada em todas as falas. As participantes da roda de conversa narraram o quanto ficariam seguras em saber que seu filho estaria bem próximo, e que o espaço poderia ser utilizado não apenas nos momentos de aula, mas também para que elas realizassem leituras, participassem de seminários e outros.

Eu me questiono, será que a universidade não poderia ter um espaço que acolhesse essas crianças enquanto as mães estivessem estudando? (Cravina)

Poderia ser tipo um educandário, não o educandário em si pra tá em formação como escola, mas tipo pra sua mãe aluna trazer seu filho e tipo dizer assim poxa posso estudar sabendo que meu filho vai tá ali aprendendo, brincando com dama, né? Fazendo sua atividade enquanto tô aqui estudando. (Calêndula)

Ter um espaço que de fato é... atenda, acolha, a questão do acolhimento de fato. A mulher e a criança. (Amarilis)

Também no estudo de Menezes et al (2019), a proposição de uma sala de acolhimento foi observada como proposta das mães entrevistadas:

Por fim, a análise dos resultados destacou na fala das mães como importante, para uma melhoria em suas condições gerais de estudo, a necessidade da utilização do espaço acadêmico como um instrumento facilitador para elas, onde se apresentaram propostas para a criação de espaços nos quais as crianças poderiam permanecer durante o período de aulas para que fosse facilitado o contato mãe e filho, no intuito da redução de ansiedades provocadas pela distância e no próprio alívio aos cuidadores destas crianças. Poderíamos associar estas propostas ao estudo de Raupp (2004). (MENEZES et al, 2019, p.41)

Além disso, quando estas mães foram incentivadas a propor soluções, elas destacaram a necessidade de as políticas assistenciais abranger mães/pais que tenham filhos, independente da idade, pois o cuidado/maternagem permanece mesmo com filhos maiores. Inclusive, como diz um ditado popular: *“Filhos criados, trabalho dobrado.”* Deste modo, as estudantes reforçam ainda que a assistência estudantil precisa ir além do financeiro, pensar em ações mais amplas.

Então eu trocaria totalmente esse auxílio creche, se eu conseguir ter ela aqui junto comigo no mesmo local que eu, em uma sala estudando e ela aqui. (Azaleia)

## **Considerações Finais**

A partir dos dados coletados, pode-se inferir que a realidade da mulher universitária com filho (s) apresenta demandas que devem ser consideradas pelas instituições de ensino ao planejar, executar e avaliar as políticas públicas educacionais e assistenciais voltadas para as mulheres que são ou serão mães durante o status de universitária.

Percebe-se que a universidade não alcança a dimensão da Maternagem na vida de um estudante, independente do gênero, e em virtude disso há uma limitação da autonomia acadêmica da mulher quando este exercício lhes é atribuído no contexto da divisão sexual do trabalho.

Além disso, a roda de conversa deixou claro que as políticas assistenciais existentes são insuficientes diante das demandas apresentadas pelas mães universitárias e o quanto essas mulheres defendem ações que extrapolam o suporte financeiro, e criem alternativas para que elas tenham uma vida acadêmica em toda sua plenitude (ensino, pesquisa, extensão) com seus filhos por perto.

Faz-se urgente a criação de políticas fora de padrões meramente econômicos que atendam efetivamente a diversidade de ser mãe estudante. Tendo isso em vista, a proposta é que as IFs criem centros de acolhimento, espaços recreativos em eventos como seminários, palestras, que incluam não apenas as estudantes, mas também os seus filhos.

Outro aspecto importante que este trabalho gostaria de destacar é a falta da produção de dados relacionados ao grupo “mãe” no ensino superior, como citado anteriormente. Os dados mostram que as mulheres são maioria nas universidades, porém não se sabe quantas dessas mulheres são mães, quantos filhos elas têm, a idades dos filhos, se são mães solo. Sendo assim, a carência de informações torna este segmento invisível para a formulação das políticas públicas. Desta maneira, as universidades precisam criar um questionário de perfil socioeconômico que enxergue a mulher em sua diversidade: mãe, esposa, trabalhadora, chefe de família e agora estudante.

Apesar de nenhuma participante sinalizar a necessidade de apoio psicólogo, as gravações da roda de conversa mostraram o quanto essas mulheres estão sobrecarregadas psicologicamente e emocionalmente, o que, dada a realidade, o atendimento psicológico para estudantes oferecido pelas IES não seriam suficientes ou tão eficazes. Desta forma sugere-se a criação de grupos de terapia específicos para tratar sobre Maternagem e ensino superior.

A partir deste estudo percebe-se que as mães estudantes, inclusive as que não são vulneráveis economicamente, estão à margem da assistência que ofertada atualmente pelas IES. Uma universidade democrática, além de assegurar o acesso, também deve assegurar a permanência desse grupo social. As políticas de permanência devem reconhecer que as mulheres se encontram em desvantagens que são históricas e perpassam condições de desigualdade de oportunidades, bem como de desempenho.

Nas questões de maternagem e na produção do conhecimento, a universidade deve se colocar no papel de mediadora no debate sobre os papéis nas relações familiares, facilitando o entendimento do homem quanto sua participação nos processos de cuidados com os filhos.

Todas essas medidas foram pensadas a fim de construir um novo modelo de universidade, que garanta a permanência da mulher e oportunidades para que elas desfrutem da experiência acadêmica em sua plenitude (ensino, pesquisa, extensão) e, principalmente, que acolha os filhos dessas estudantes, pois, como elas costumam declarar, "onde não cabe meu filho, não me cabe".

## Referências:

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Ed. 70, LTDA. Março, 2010.

BIROLI, F.. **Gênero e Desigualdades**: limites da democracia no Brasil. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BITENCOURT, S. M. Maternidade e universidade: desafios para a construção de uma igualdade de gênero. 4 **Encontro anual da ANPOCS**. Caxambu, 2017. Disponível em <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/41-encontro-anual-da-anpocs/gt-30/gt13-17/10724-maternidade-e-universidade-desafios-para-a-construcao-de-uma-igualdade-de-genero/file>. Acesso em: 23 ju. 2020.

BITENCOURT, S. M.. A maternidade para um cuidado de si: desafios para a construção da equidade de gênero. **Estud. sociol.** Araraquara v. 24 n. 47 p. 261-281 jul./dez. 2019

BRASIL. Portal. **Mulheres comandam 40% dos lares brasileiros**, 2015. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/05/mulheres-comandam-40-dos-lares-brasileiros>. Acesso em 13 ago. 2018.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 7.234**, 19 de julho de 2010. Programa Nacional de Assistência Estudantil, Brasília, DF, jul, 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm). Acesso em: 25 jul. 2020.

BRASIL. **Lei no 6202**, 17 de abril de 1975. Brasília,DF, Abr, 1975. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1970-1979/16202.htm#:~:text=LEI%20No%206.202%2C%20DE,Ar](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/16202.htm#:~:text=LEI%20No%206.202%2C%20DE,Ar). Acesso em: 25 jul. 2020.

DANTAS, L. M.V.; MUNIZ, E. G.; SILVEIRA, O. M. C. **Políticas de permanência no ensino público superior: o aluno mais velho em foco**. Relatório de pesquisa. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2017.

FERREIRA, M. da G. A. M. et al. Perfil de los jóvenes universitarios y su percepción de la maternidad y paternidad. **Rev. Enf. Ref.**, Coimbra, v. IV, n. 23, p. 81-88, dez., 2019. Disponível em [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-02832019000400009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832019000400009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 31 mai., 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatística de Gênero**: Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil. Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica nº38, 2018. Disponível em [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf). Acesso. 24 jul. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Perfil socioeconômico da maternidade nos extremos do período produtivo**. Rio de Janeiro, 2015.

MENEZES, R. de S. et al. Maternidade, trabalho e formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos. **Constr. psicopedag.** São Paulo, v. 20, n. 21, p. 23-47, 2012. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-69542012000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542012000200003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 30 mai. 2020.

MOURA, S. M. S. R. de.; ARAÚJO, M. de F. A Maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2004, p. 44-55. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932004000100006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000100006). Acesso em: 24 jul. 2020

NUNES, C.; SILVA, L. M.N.. Acesso e Permanência na Educação Superior X Exercício da maternagem: entre trajetórias, representações e exigibilidade de políticas estudantis[N5] . **Direito UnB**, nº 4, vol 1., p. 41-71

jan/abr., 2020. Disponível em  
file:///C:/Users/Lys/AppData/Local/Temp/28322-Texto%20do%20artigo-70935-1-10-20200430.pdf. Acesso  
em: 25 mai. 2020.

SANTOS, B. R. dos; MAGALHÃES; ROCHA, D.; MORA, G. G.; CUNHA, A. **Gravidez na Adolescência n Brasil** – Vozes de Meninas e de Especialistas. Brasília: INDICA, 2017.

SANTOS, M. S. **Permanência Universitária: desafios e estratégias dos estudantes quilombolas de São Francisco do Paraguaçu na UFRB – CAHL**. 2019, p. 1-59. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública) – Centro de Artes Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, 2019. Disponível em [https://www.ufrb.edu.br/gestaopublica/images/phocadownload/20192\\_TCCconcluidos/SANTOS\\_Permanencia\\_Universitaria\\_Quilombola.pdf](https://www.ufrb.edu.br/gestaopublica/images/phocadownload/20192_TCCconcluidos/SANTOS_Permanencia_Universitaria_Quilombola.pdf). Acesso em: 31 jul. 2020.

UFRB. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. NUFOPE/PROPPAE (2017). **Perfil dos Estudantes d UFRB**. Disponível em <https://ufrb.edu.br/portal/noticias/4800-em-seus-12-anos-ufrb-comemora-maioria-negra-e-pobre-no-ensino-superior>. Acesso em: 30 mai. 2020

URPIA, A. M. de O.; SAMPAIO, S. M. R. Tornar-se Mãe no Contexto Acadêmico: dilemas da conciliação maternidade – vida universitária. **Revista Recôncavos**, v. 3, n. 2 p. 30-43, 2009. Disponível em [https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/ana\\_maria\\_urpia.pdf](https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/ana_maria_urpia.pdf). Acesso em: 27 dez. 2017.

[1] Maternagem é um conceito social referente aos laços afetivos entre mães e filhos (MOURA; ARAÚJO, 2004).

[1] O Recôncavo baiano é a região geográfica que está localizada em torno da Baía de Todos-os-Santos, abrangendo o litoral e toda a região do interior circundante à Baía. Estão incluídos a Região Metropolitana de Salvador, onde está a capital do estado da Bahia, Salvador, e outras cidades circundantes à Baía de Todos-os-Santos. Entre elas, as de maior representatividade histórica e econômica são: Santo Antônio de Jesus, Santo Amaro, Amargosa, Nazaré, Salinas da Margarida, Cachoeira, Jaguaripe, São Félix, Castro Alves, Maragojipe e Cruz das Almas. Os municípios de Cachoeira e São Félix, onde encontra-se o Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB, são separados pelo Rio Paraguaçu, que é o principal rio que corta o recôncavo. A ligação destas cidades ocorre pela histórica e imponente ponte D. Pedro II, inaugurada no século XIX. Cachoeira foi elevada à categoria de cidade em 13 de março de 1837, com o título de Heróica Cidade de Cachoeira. Sua população está estimada em 31.071 habitantes e seu território compreende 398 km<sup>2</sup>. Devido ao seu rico patrimônio arquitetônico e paisagístico considerado um dos mais importantes da América Latina, a cidade recebe o título de Monumento Nacional pelo Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), conforme o Decreto nº 68.045, de janeiro de 1971. Já São Félix está situada entre o rio e a serra, sua destacada arquitetura que se expande para a montanha dá-nos a nítida sensação de estarmos diante de um verdadeiro presépio, o que lhe confere o título de Cidade Presépio. Tem população estimada em de 14 740 habitantes, distribuídos em 95,97,1 km<sup>2</sup> de área.

\* Tecnóloga em Gestão Pública pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Pesquisadora do Grupo Organizações, Gestão e Políticas Públicas (OrGPoP). Email: dnzchaves@gmail.com.

\*\* Especializanda em Educação, Política e Sociedade pela Faculdade Educacional da Lapa (FAEL). Tecnóloga em Gestão Pública pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Pesquisadora do Grupo Organizações, Gestão e Políticas Públicas (OrGPoP). Email: larysantotrindade@gmail.com.

\*\*\* Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora pesquisadora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Email: lys@ufrb.edu.br.